



Novos protagonismos e movimentos religiosos: juventude, mulheres, sectores sociais

A Igreja Católica durante a I República rejuvenesce, adquire um estilo mais moderno, uma actuação mais disciplinada. É uma igreja de combate a valores e a entendimentos da sociedade e do Estado que considera adversos aos seus. Os jovens, que entraram na universidade nos últimos dois ou três anos da Monarquia Constitucional ou já depois de proclamada a República, desempenham um papel central neste combate. Outros católicos já adultos e com uma actuação confessional discreta antes de Outubro de 1910 adquirem um novo protagonismo como profissionais – médicos, juristas, etc – ou dirigentes do Centro Católico Português, o partido criado em 1917 que procura defender os interesses e direitos da Igreja Católica no novo regime. As mulheres participam neste processo em congregações religiosas feministas, em novas organizações de leigos, em movimentos sociais e religiosos, dos quais as aparições de Fátima representam o caso mais expressivo.

A reflexão sobre o catolicismo orienta-se mais para a sua eficácia como elemento de transformação so-

João Miguel Almeida

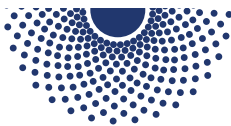
Mestre em História Contemporânea, Investigador do CEHR e Doutorando na FCSH-UNL

cial, a relação que deve estabelecer com o Estado, os meios para a «reconquista cristã» da sociedade e a salvação colectiva dos riscos de desagregação social e desordem moral do que para o questionamento dos fundamentos da fé. É uma reflexão exposta em jornais, revistas, conferências, congressos, e alimentada pelo talento de publicistas, ideólogos, oradores, pregadores.

A Nova Geração

O ambiente universitário, onde se formam as elites políticas, económicas e sociais, torna-se, paradoxalmente, mais favorável ao catolicismo apesar ou em parte por causa dos conflitos entre Estado republicano e Igreja Católica. Diogo Pacheco Amorim (1888-1976), defende este ponto de vista em livro publicado em 1918 intitulado *A Nova Geração*. Os novos, sobre os quais escreve e dos quais se considera um representante, teriam nascido por volta de 1888 e começado a chegar à universidade no ano lectivo de 1907-1908. Recusam a herança de um século XIX que conside-





ram «ateu em Religião, revolucionário na Política, materialista na Filosofia». Segundo o testemunho de Pacheco de Amorim, em 1907 «reaccionário e curto de inteligência, eram expressões quase sinónimas nos meios académicos». No ano em que publica o livro, o da República Nova de Sidónio Pais, «Um rapaz de talento que não seja conservador, é hoje tão raro como um animalejo ante-diluviano». O catolicismo para esta elite universitária é mais do que uma religião, uma espiri-



tualidade, devoções: «a Igreja hoje não é só um guia moral para os rapazes; é uma verdadeira escola de Filosofia, de Política e de Arte». E é nesta perspectiva que Diogo Pacheco de Amorim afirma o seu catolicismo na qualidade de Presidente da Assembleia Geral do Centro Académico da Democracia Cristã (CADC) em 1912, dirigente do Centro Católico Português de 1917 a 1919 e deputado centrista de 1919 a 1922.

Para outros jovens católicos, o diagnóstico de Diogo Pacheco de Amorim estava parcialmente correcto, mas a solução teria de ser radical: o fim não só da República, mas também da herança da Monarquia Constitucional. Os integralistas lusitanos, expressão que nasce em 1913 e será o mote de doutrina desenvolvida a partir de 1914 na revista *Nação Portuguesa*, pugnavam por uma monarquia «tradicional, orgânica, anti-parlamentar», inspirada pelas instituições monárquicas ibéricas do século XVII. Só um retorno ao espírito integral do catolicismo possibilitaria a

Ao lado: notícia de reunião das Noelistas, publicada no jornal Novidades. Em cima: procissão de Nossa Senhora da Saúde saindo da Sé de Lisboa.

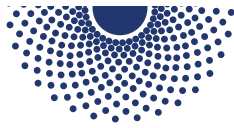
regeneração de Portugal. Em torno deste ideal reuniram-se monárquicos críticos do regime constitucional como Hipólito Raposo, Luís de Almeida Braga, José Pequito Rebelo e ex-republicanos como António Sardinha.

A criatividade cultural e o dinamismo social e político durante o período da I República transbordam as linhas rígidas do esquema traçado por Pacheco de Amorim. O trajecto e o sentido da acção de Leonardo Coimbra (1883-1936) mostram a vontade de quebrar as barreiras entre mundividências opostas, integrando os católicos no re-

gime republicano e separando os ideais republicanos do materialismo ateu. Leonardo Coimbra, que inicia a sua intervenção pública como «libertário», em 1906, e se encontra em 1911 ligado ao Partido Democrático e à maçonaria, acabará por ser converter ao catolicismo, já no Estado Novo. Aspira a ser um mestre da nova geração, a mobilizar a força do renascimento religioso para regenerar a República. Foi ministro da educação em 1919 e 1923 e tentou legalizar o ensino religioso nos colégios privados. Manteve-se fiel à República, mas abandonou o Partido Democrático e apoiou José Domingues dos Santos, fazendo campanha pela Esquerda Democrática em 1925.

Juventudes Católicas

O I Congresso da Federação das Juventudes Católicas Portuguesas (FJCP), realizado em Coimbra, de 24 a 25 de Abril de 1913, é também o primeiro



congresso católico organizado em Portugal após a implantação da República. Não se trata de uma coincidência. O Congresso, no qual se aprovam as bases da recém-criada FJCP, é uma iniciativa do CADC, fechado após a destruição da sua sede em Fevereiro de 1911 e que reabre portas com nova direcção a 8 de Dezembro de 1912. Esta direcção, presidida por João Cavaco, integra elementos provenientes da fase anterior do CADC (1905-1911) ligados à revista

lico: «Ninguém nega (...) a necessidade urgente que há-de informar a mocidade portuguesa do são espírito religioso. Mas toda a mocidade... – a mocidade académica, a mocidade operária, a mocidade da lavoura...

Se cada uma destas tem missões diversas, a vida católica, o espírito católico, é para todas, fundamentalmente, o mesmo. E neste país, onde o catolicismo sentimental e rotineiro, é o único das grandes



Estudos Sociais (Gonçalves Cerejeira, Francisco Velloso, Alberto Dinis da Fonseca, Carneiro Mesquita) e novos sócios (António Oliveira Salazar, Diogo Pacheco de Amorim, Joaquim Dinis da Fonseca, José Nosolini, Luís Teixeira Neves, Miguel Crespo, Juvenal de Araújo, etc). Todos eles colaborarão na nova revista, *O Imparcial*, que será a voz do CADC entre 1912 e 1919.

De 1913 a 1922 a Juventude Católica Portuguesa realiza seis congressos a nível nacional. A revista *Estudos*, que representa o CADC a partir de 1922, sublinha a importância do associativismo juvenil cató-

massas, é uma necessidade abalar os sonolentos... Mexê-los, obrigá-los, a uns, a investigar as razões da sua fé, a defendê-la, a saber impô-la; a outros a aplicar na vida da oficina, ou do campo, os princípios da harmonia social, que o catolicismo ensina; a todos, a praticarem a religião, sem medo, altivamente... e humildemente...»

Os movimentos associativos juvenis católicos encontravam-se subordinados à divisão eclesiástica tradicional: paróquia, arceprelado, diocese. Os sócios podiam ser aspirantes, categoria que agrupava



os jovens desde a primeira comunhão aos 16 anos; ordinários, a partir daquela idade; e antigos sócios, após passarem os 40 anos. As associações valorizavam a conduta moral dos associados e uma prática religiosa baseada na adoração solene e pública do Santíssimo Sacramento, pelo menos uma vez por semana, e na comunhão frequente, idealmente quotidiana e, quando o não pudesse ser semanal ou pelo menos mensal. Estas práticas deviam articular-se com uma acção social canalizada para as conferências de S. Vicente de Paulo, misericórdias, confrarias e irmandades paroquiais, e com uma atitude política sintonizada com as directrizes do Centro Católico Português. Piedade, estudo e acção deviam nortear a vida dos jovens católicos.

Nem todas as imagens e símbolos mobilizadores da juventude católica possuíam um cunho especificamente religioso. A figura católica e militar de Nuno Álvares Pereira ganhou nova acuidade após o início da Grande Guerra. A partir de 1914 surgem associações Nun' Álvares e em Outubro de 1918 é criada a Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira, uma liga que reúne sectores monárquicos e republicanos. Nuno Álvares Pereira, beatificado em Janeiro de 1918, é visto como o santo e herói inspirador de um messianismo político e religioso. Álvaro Alfredo Zuzarte de Mendonça, que se considera a si mesmo um «soldado de Cristo» é o líder do movimento

condestrabino nas Juventudes Católicas.

A entrada de Portugal na Grande Guerra e a sua participação no cenário europeu dá origem a diferentes reacções e intervenções de católicos. No campo associativo destaca-se a criação da «Obra dos Soldados», pela Associação dos Pais de Família, em 1916. A obra, que segue modelo francês, promovia a cooperação entre militares católicos e o clero no

apoio às tropas portuguesas mobilizadas.

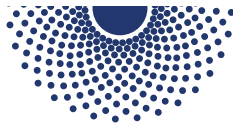
Será na República pós Grande Guerra, mais precisamente em 1923, que chegará a Portugal uma versão católica do escutismo que há onze anos dava os primeiros passos em território nacional. O arcebispo primaz de Braga, D. Manuel Vieira de Matos (1861-1932) e monsenhor António Avelino Gonçalves (1895-1981) são as figuras de referência na fundação do escutismo católico português. O primeiro usando o seu prestígio para o defender junto da hierarquia e do poder civil, o segundo organizando-o segundo os modelos francês

e italiano. A criação de um escutismo católico independente das associações laicas existentes, a AEP (Associação dos Escoteiros de Portugal) e a UAP (União dos Adueros de Portugal), foi alvo de críticas no senado da República. O Corpo de *Scouts* Católicos Portugueses (CSCP) será reformulado em 1925 no Corpo Nacional de *Scouts* (CNS), cujos estatutos e orgânica possuem um carácter confessional é atenuado.



Em cima: grupo de escuteiros no início sec. XX, Avenida da Liberdade.

Página seguinte: D. José Alves Correia da Silva (1872-1957), bispo de Leiria (1920-1957).



Em Março de 1925 já havia notícias de mais que um grupo de escuteiros católicos em Braga, Barcelos, Porto, Guimarães, Vila Real e Bragança. No Verão desse ano uma quinzena de escuteiros faz uma peregrinação a Roma, onde são encorajados a continuar as suas actividades por Pio XI. A aprovação pelo Papa dos escuteiros católicos dissipa alguma desconfiança nos meios católicos em relação a este movimento de origem protestante.

As mulheres católicas

Se o período da I República é marcado pela afirmação de uma elite católica masculina, as mulheres católicas vêem valorizado o seu papel e lugar na Igreja e na sociedade e não só em termos simbólicos, devido à importância da espiritualidade mariana, de que as Aparições de Fátima são o maior exemplo. As congregações religiosas femininas mantêm-se activas e conhecem novas expressões, como as Filhas de Maria. A condição feminina é objecto de uma cons-

tante preocupação por parte das autoridades religiosas e favorece a criação, em 1914, da Obra de Protecção às Raparigas.

As católicas leigas vão ganhando expressão associativa. Apesar da sua escassa presença na universidade, em 1923 é fundado o Centro Académico Feminino Católico, o equivalente feminino do CADC de Coimbra. No ano seguinte é criada a Juventude Católica Feminina, como secção autónoma da Liga da Acção Social Cristã. Em 1913 chegara a Portugal o movimento noelista, de origem francesa. O noelismo vingou nos meios da burguesia urbana. O seu nome remete para o nascimento de Jesus (Noel) e o seu lema «piedade, caridade, apostolado, esforço intelectual» reflecte uma espiritualidade da encarnação que sublinhava o papel central das mulheres na família.

Os médicos católicos

A importância que militantes católicos formados em Direito teriam na política portuguesa do

Em cima: a família de António Lino Neto, cerca de 1928 aquando da entronização do Sagrado Coração de Jesus pelo padre Mateo Crowley (sentado ao centro ladeado pelo casal Lino Neto). As outras pessoas na fotografia são filhos do casal: sentado no chão, Francisco; de pé e da esquerda para a direita: Maria Teresa, José Maria Gertrudes.

Ao lado: conselheiro José Fernando Souza (Nemo), Monárquico, e reputado publicista católico.



século XX não nos deve fazer subestimar a participação dos médicos no movimento católico do início do século passado. Em 1915 é fundada a Associação de Médicos Católicos e entre este ano e 1922 realizam seis Congressos, nos quais difundem doutrina sobre a relação entre fé católica, sociedade e moral. A hierarquia seguiu estes congressos com a maior atenção. O I Congresso dos Médicos Católicos Portugueses, realizado no Porto, em 14 de Outubro de 1915, foi aberto por D. António Barroso e o segundo, organizado em Lisboa, a 15 de Março de 1916, foi presidido por D. Mendes Belo. Participaram na reunião, além do cardeal-patriarca, o bispo de Portalegre, o arcebispo de Mitilene e o nuncio, Monsenhor Masella.

O Centro Católico Português e as diversas gerações católicas

Durante a I República o activismo católico é indissociável de uma vertente política que discute, negocia e disputa a intervenção dos católicos no espaço público. Desde 1917 a política da Igreja Católica é realizada pelo Centro Católico Português o qual, a partir de 1919, sob a presidência de António Lino Neto (1873-1961) secundariza a questão do regime dando prioridade às reivindicações católicas. Diversos católicos formados no CADC como Diogo Pacheco de Amorim, Joaquim Dinis da Fonseca, Oliveira Salazar, Cerejeira são centristas activos neste período. António Lino Neto, formado em Coimbra na

década de 1890, antes da criação do CADC, advogado e prestigiado professor catedrático de economia política desde 1908, é um dos protagonistas da República do pós Grande Guerra na defesa da causa católica.

Entre a «nova geração» e as gerações anteriores desenvolvem-se relações de cumplicidade, admiração pessoal, ou por aspectos da sua acção, distanciamento e contestação. António Lino Neto que procura conciliar a crítica à legislação republicana lesiva dos direitos e interesses católicos com o acatamento dos poderes constituídos, a introdução de instituições corporativas com a regeneração das instituições liberais, desilude os jovens que buscam a salvação num golpe de Estado anti-liberal. É respeitado pelo seu prestígio profissional e académico. Católicos sociais como Joaquim Dinis da Fonseca valorizam o seu pensamento social e integralistas como António Sardinha o seu contributo teórico para o municipalismo. Fernando de Sousa (Nemo) (1855-1942), monárquico convicto e nome importante do publicismo católico do

primeiro terço do século XX é um crítico da orientação do Centro Católico que discute com o jovem ideólogo Oliveira Salazar, sendo apreciado por muitos dos mais novos pela sua postura conservadora e intransigente.

Se durante a I República a unidade dos católicos foi afirmada e esforçadamente buscada, uma análise do período expõe uma dinâmica católica complexa, multifacetada e criativa.

